

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

A ESCUTA DO SUJEITO EM SITUAÇÃO DE INCLUSÃO ESCOLAR.¹ LISTENING OF THE SUBJECT IN THE SITUATION OF SCHOOL INCLUSION.

Marília Fernanda Amaral², Angela Maria Schneider Drügg³

¹ Projeto de pesquisa realizado no curso de Psicologia da Unijuí durante o Estágio Supervisionado em Psicologia e Processos Educacionais.

² Aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

³ Professora do Curso de Psicologia da Unijuí e Orientadora do Estágio Supervisionado em Psicologia e Processos Educacionais.

Introdução:

A inclusão de alunos portadores de necessidades educacionais especiais nas escolas regulares é um desafio que se coloca às escolas na atualidade.

Buscando informações sobre o histórico da inclusão social e escolar, pode-se perceber que um longo caminho foi trilhado até o presente momento, mas que ainda há muito a avançar.

Em algumas culturas os sujeitos com deficiência eram eliminados ou abandonados, é o que afirma Báfica (2012, p.95) “na Idade Moderna, no século XVI, surgiram dois intelectuais: Paracelso e Cardano. Eles acreditavam que a deficiência mental era um problema médico digno de tratamento e complacência, preocupando-se também, com a educação dos deficientes”.

Nos dias atuais muitas coisas se modificaram e a visão que se tinha sobre a deficiência também mudou. No Brasil, a “Educação Especial” passou a constar na política educacional nos anos 50-60 do século XX; “Passou-se então a entender que só existe um tipo de educação, e ela é para todos sem restrição, nem separação”. (BÁFICA, 2012, p. 96)

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), o movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação.

O estudo que aqui apresentamos, é parte de uma pesquisa qualitativa denominada “A escuta do sujeito em situação de inclusão escolar” que visa compreender por meio da escuta psicológica, como este sujeito está se sentido em relação ao processo de inclusão na escola regular, se de fato a inclusão está acontecendo, se o sujeito se sente pertencente ao espaço escolar e de que forma está vivendo isso. Para isso foram estabelecidos alguns objetivos específicos que são os seguintes: -Verificar a compreensão dos alunos incluídos em relação ao lugar que ocupam na escola; - Investigar como se sustentam os laços com seus professores e colegas; - Entender como

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

constroem seu processo de aprendizagem; -Recolher suas expressões em relação aos benefícios e obstáculos que encontram no processo de inclusão.

Metodologia:

Trata-se de pesquisa qualitativa, desenvolvida junto ao Laboratório de Psicologia e Processos Educacionais e ao estágio da Ênfase em Psicologia e Processos Educacionais do Curso de Psicologia da Unijuí, com aprovação do Comitê de Ética na Pesquisa (CAAE 70983917 10000 5350). Cada estagiário realizou a escuta psicológica de um aluno em situação de inclusão escolar, investigando como este estava percebendo sua inclusão na Instituição. Para a sistematização dos resultados utilizou-se a Análise de Conteúdo segundo Minayo (2014). O fragmento que aqui apresentamos se desenvolveu em um Colégio Estadual de uma cidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, onde foi realizada a escuta psicológica de uma aluna do primeiro ano do Ensino Médio, com 17 anos, em situação de inclusão escolar, assim como uma entrevista não estruturada com sua mãe. No início do trabalho foi obtido o Consentimento Livre e Esclarecido da mãe, e o Assentimento da aluna.

Segundo laudos disponíveis na escola a aluna é diagnosticada com Siringomielia e Siringobulbia, o que lhe impossibilita de exercer atividades físicas de moderada e alta intensidade, bem como com Retardo Mental leve.

A “escuta” realizada se sustentou na abordagem psicanalítica, segundo a qual não existe inconsciente deficiente. O inconsciente articula-se inicialmente com o discurso parental, ou seja, o sujeito se constitui pela imersão no campo do desejo, o qual funda um lugar simbólico para este apresentar-se. Desse modo, a questão é não ver o sujeito por sua deficiência, e sim dar-lhe uma possibilidade de falar sobre suas questões, nessa pesquisa objetivando saber como esse sujeito está sentindo seu processo de inclusão no ensino regular.

Resultados e Discussão:

Em entrevista com a mãe muitas informações importantes foram coletadas, das quais destacamos alguns pontos. Segundo a genitora, Maria (nome fictício) se desenvolveu bem até os 4 anos e 10 meses quando, após uma crise de “laringite” em que “faltou oxigênio no cérebro”, a menina ficou sem caminhar e sem falar por algum tempo e “muitas coisas” teve que reaprender.

Aos onze anos apareceu o problema na coluna que a impedia de inclinar-se para frente, desde então sendo tratada com fisioterapia e pilates para manter a postura.

Quanto às questões escolares a mãe informa que Maria estudou inicialmente em uma escola localizada na zona rural do município, e que a turma que estudava lá é a mesma que está com ela na escola atual. A mãe acredita que isso foi bom para que sua filha se adaptasse ao colégio.

Num dos encontros com Maria ela nos fala sobre um colega que sentou na sua classe e do quanto

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

isso lhe irritou, pois o lugar era seu e ele sabia. Afirma que ele faz isso pra lhe provocar. Quando questionada sobre o que faz quando não está na escola ela ao seu modo diz que se envolve com algumas atividades, tais como o pilates, aula na sala AEE em turno inverso e curso no CRAS, onde faz artesanato. Conta que neste curso “tem uma guria metida, dá vontade de jogar um balde d’água na cabeça dela”. Isso diz respeito às dificuldades de relacionamento que a aluna também apresenta na escola, se irrita com algumas coisas que os outros fazem, assim como se irritou quando o colega sentou em seu lugar.

Na entrevista com a mãe a mesma destacou que muitas vezes Maria prefere escrever em vez de falar. Então, em um dos encontros em que estava mais calada lhe é oferecido o notebook para que se expressasse escrevendo, alternativa de escuta encontrada para com essa aluna.

Na escrita muitas informações relevantes para a pesquisa apareceram das quais destacamos alguns trechos. “Meus colegas na maioria falam comigo mas tem um que nem fala mais comigo nem quer saber de mim problema dele que pena que eu tenho esse problema gostaria de ser bem normal simplesmente deixei de ter essa ajuda da vida tenho dificuldades para aprender matemática português fluente porque eu nem me lembro de treinar e quando me lembro tenho compromisso programado para de tarde”. “Espero que quem ler isso entenda que eu tenho dificuldades como quase todo mundo tem sinto muito se tem gente que nem sabe se gosta de mim ou me odeia”. É uma escrita sem pontuações, o que torna o texto um pouco desorganizado, mas nem sempre é dessa forma. Pode-se perceber nesses trechos o quanto ela reconhece suas dificuldades, também se percebe que ela reclama o afeto de quem convive com ela.

Em outro momento escreve: “EU sou igual aos meus colegas só o que me diferencia e deixa melhor de me identificar são as minhas dificuldades.” O que deixa claro que ela se identifica por suas dificuldades e não pelas potencialidades que tem como, por exemplo, a escrita. Quando questionada sobre a função da escola e o que faz ali, ela explica: “Eu venho para estudar, comer o lanche, ver os colegas e pra me formar quando passar os anos”, interpelada também sobre o que modificaria na escola ou na turma ela responde, “meus colegas incomodativos”. Ainda durante essa conversa, ela se interroga “porque é tão difícil as pessoas conversarem?” referindo-se ao fato de poucos colegas a procurarem espontaneamente, então lhe é questionado como uma devolução a pergunta, se em trabalhos de grupo não surgiria um espaço para iniciar uma conversa? Ao que ela responde: “Ninguém quer fazer grupo comigo, tenho sempre que fazer sozinha”. Questionada então se consegue fazer sozinha, ela diz que sim e que algumas vezes colegas (citou três nomes) formam grupo com ela.

A pesquisa também buscava saber o que o sujeito tem a dizer sobre a sua aprendizagem, sobre isso a aluna destacou a sua dificuldade em matemática “os números não gostam de mim”. Então foi inquirida sobre como fazia com os cálculos e ela diz “faço do meu jeito”, “coloco qualquer número”.

Embora em alguns momentos tenha aparecido no discurso da aluna que ela é o motivo da alegria

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

dos colegas, que ela os faz sorrir, e que eles só querem o bem dela, a queixa acaba se sobressaindo. Existe no seu discurso uma ambivalência, que pode ser percebida no fragmento a seguir, retirado de um dos textos escrito por Maria: “meus colegas sentem minha falta nem sei por que se ficam incomodando na sala”. Neste fragmento percebe-se uma “denegação”, ou seja, ela desejaria que os colegas sentissem sua falta, pois todos nós, para estarmos bem psicologicamente, necessitamos do reconhecimento do Outro. O que se pode perceber através da escuta é que quando ela fala positivamente em relação a como os colegas lhe tratam, esse discurso está muito ligado ao que a mãe diz sobre isso, “a mãe disse, que se eles me falam algumas coisas é para o meu bem”.

Fica evidente que esta aluna se encontra angustiada, em sofrimento psíquico, principalmente porque está difícil sua inserção entre colegas e porque tem consciência de suas limitações na aprendizagem.

Considerações Finais:

O objetivo desta pesquisa foi o de compreender acerca do processo inclusão através da escuta do sujeito, escuta realizada no colégio em que a estagiária estava inserida para realização do Estágio Supervisionado em Psicologia e Processos Educacionais.

A pesquisa ao adotar uma abordagem sustentada pela psicanálise propôs a escuta do sujeito, determinando as diferenças entre ouvir e escutar, entendendo que escutar consiste em um ouvir mais atentamente, ou seja, escutar é dar ao outro a possibilidade de expressar-se pela fala, pela escrita ou qualquer outro meio e dispor-se a ouvir também o que vem do inconsciente. A escuta é também, segundo a psicanálise, uma forma de intervenção e também um método de investigação. Sendo assim, os objetivos foram alcançados, pois através da escuta pode-se averiguar como a aluna Maria está vivenciando subjetivamente seu processo de inclusão escolar.

A participação nessa pesquisa contribuiu na formação da acadêmica, oportunizando a aquisição de experiência neste campo e também no aprimoramento da escuta, importante ferramenta de trabalho do psicólogo. Também possibilitou trazer para a instituição escolar uma contribuição da psicologia com seu olhar diferenciado, o que foi feito através de devolutiva tanto para a escola quanto para a família, para que possam ajudar na inclusão desta aluna. Segundo Sartoretto (2009):

A inclusão só é possível lá onde houver respeito à diferença e, conseqüentemente, a adoção de práticas pedagógicas que permitam às pessoas com deficiências aprender e ter reconhecidos e valorizados os conhecimentos que são capazes de produzir, segundo seu ritmo e na medida de suas possibilidades. Qualquer procedimento, pedagógico ou legal, que não tenha como pressuposto o respeito à diferença e a valorização de todas as possibilidades da pessoa deficiente não é inclusão. (SARTORRETO,2009 apud MANTOAN,2009, p.77)

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

Considerando que muitos investimentos materiais e humanos ainda precisam ser realizados para que a inclusão seja de fato efetiva e traga os resultados que se espera, a pesquisa. ao realizar uma escuta psicológica de alunos em processo de inclusão traz contribuições importantes pois o aluno é escutado não como um objeto de estudo, mas como um sujeito com um saber que deve ser reconhecido e legitimado.

Referências:

BÁFICA, Ana Paula Souza. **Educação inclusiva: uma análise sobre inclusão escolar.** Revista espaço acadêmico -N °128- Janeiro 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília - Janeiro de 2008. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 01/06/2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do Conhecimento:** pesquisa qualitativa em Saúde. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.

SARTORETTO, Mara Lúcia. **Inclusão: da concepção à ação.** In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O desafio das diferenças nas escolas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 77-82.